

CARTA DE UM SUICIDA À SUA MÃE^(*)

Uberaba, 8 de agosto de 1969.

Minha querida mãe, lance sôbre mim a sua bênção e ajude seu filho sofredor.

Estou aqui. De que modo não sei. Trazido como um doente que enlouquecesse e foi recolhido à cela de tratamento obrigatório, mas trazido pelo seu carinho e pelo de minha outra mãe, a querida tia Tereza, por minutos a fim de rogar perdão e paciência. Desde o dia 16 de março entrei num martírio sem saber que tempo estou. Escuto apenas a explosão, como se eu mesmo destruísse o mundo — o mundo que Deus me deu no corpo que eu tinha. Terrible o suicídio, dura lição, horrível prova, mas não estou aqui para fazê-las chorar e, sim, para dizer-lhes que vivam. Não queiram morrer, não queiram uma despedida forçada, ninguém morre. Pensei erradamente. Loucura de rapaz inconformado, sem disposição para trabalho e sacrifício. Não julguem que alguém me tenha ferido. Foi só o medo de viver que me acovardou. Carregava conflitos do sentimento que supus tão grandes quando eram somente pequeninas alfinetadas que me ajudariam a progredir. Rebeleime, mãeinha, até contra... Deus, rebelando-me contra a vida e pago muito caro a decisão de criança irrefletida. Muitos disseram que havia-me rendido à tentação, porque a senhora, com tanta razão, se casou de novo. Isso não é verdade. A senhora fez o que devia. Procurou em nosso Moacir um companheiro e um protetor para a travessia do mundo. E encontrei nêle o pai que cedo me faltou. Não, mãeinha. Até mesmo o pai Ademar ajudou a senhora a tomar nova companhia. É graças a Deus vejo-a feliz. O

(*) Publicada em «O Triângulo Espírita», Uberaba, Ano 3, n.º 27, 15 de março de 1970, sob o título «Jovem suicida dá interessante comunicação».

que sucedeu é que seu filho enlouqueceu de repente. Quando aconselhei com carinho a tomar nova fé pressentia que essa fé me transformaria, afastando-me à vocação do suicídio, e fugia — fugia de tudo o que me pudesse salvar. A responsabilidade, mãeinha, me pertence por inteiro, mas se a senhora e a tia Tereza ficarem conformadas terei forças novas. Meu pai Ademar e vovó Iracema são aqui meus novos pais. Ampararam-me e estão comigo no sanatório de onde vim por momentos para trazer-lhes a certeza de que vocês duas precisam e devem viver. Temos tanta gente sofrendo mais, muito mais do que nós. Por que não vi antes? Simplesmente porque a rebeldia me tomara de assalto. Ah! Mãezinha, fique tranquila e esqueça. Abraça vida nova e trabalhe. Faça seus estudos do Espiritismo e ampare os filhos das outras mães! Quantos dêles se encontram entre a penúria e o desequilíbrio! A senhora e tia Tereza queriam que eu estudasse mais, que não permanecesse tão só no laboratório, entretanto, contrariei-as para meu sofrimento próprio. De agora em diante, porém, serei outro. E logo que o barulho me deixar a cabeça e asserenar o coração, serei de novo, seu filho. Caminharei ao seu lado, lembrando as preces que a sua ternura e o carinho de minha querida tia me puseram nos lábios, ensinando-me a esperar por Deus de mãos postas. Serei um novo homem. Cuidarei do futuro e saberei sofrer, sem revolta, em meu próprio proveito. Perdoem-me se lhes trago lágrimas novas. Elas são diferentes, choro também aqui, mas de espírito aliviado, aguardando a bênção com que me consolarei. Trabalhem. Façam por mim o que ainda não posso fazer. Ensinem que o suicídio é um despenhadeiro nas trevas e digam a quantos sofram no mundo que a dor é bendita e que a vida se aperfeiçoa por ela em nome de Deus. Os amigos que me trouxeram não me permitem escrever mais. Orem por mim, mas confiem no filho que o sofrimento está renovando. E se posso trazer algo a vocês — minhas duas mães do coração — se posso oferecer-lhes alguma cousa, ofereço a promessa de ser melhor amanhã. Recebam todo carinho e arrependimento, com muito amor e confiança do filho reconhecido,

JOSÉ^(**)

(**) José Teodolo Caldeira.

MENSAGEM DE DRAÚSIO AOS SEUS PAIS^(*)

Querida mamãe, meu caro papai, com a bênção de Jesus, rogo para que me auxiliem sempre. Estou aqui com alguns amigos. Supliquei permissão para falar-lhes qualquer cousa e consegui. Creio, mamãe, que isso acontece por seu amor, por seu carinho. Dizem que o coração quando ama, vence a morte e vence mesmo.

Estou ouvindo as suas palavras. Se eu não pudesse dizer aqui que sou um espírito ainda fraco e endividado, muitos julgariam que seu Dráusio foi um santo. Mas todos os nossos irmãos presentes sabem que para as mães os filhos são sempre anjos. Acredite, porém, que embora não as mereçamos, nem Diógenes e nem eu, as suas palavras caem sobre nós como orvalho divino. Elas penetram nossas almas e afirmam que a senhora e papai confiam em nós.

Que felicidade pode existir maior do que esta, mãeinha, a de poder debruçar-me com o auxílio de muitos amigos espirituais sobre o papel e escrever-lhe, extravasando o meu coração? Que alegria existirá mais alta do que esta — a de poder dizer que estamos vivos, que o acidente não nos consumiu a personalidade e que as cinzas do túmulo cobriram apenas a roupa estragada que não nos servia mais?

Estamos bem, recuperando o nosso equilíbrio a pouco e pouco. A princípio, confesso que a minha impressão foi indescritível. Compreendi que o fim chegara, quando o impacto do caminhão sobre nós como que nos reduzia a farrapos de carne sangüinolenta. Vi tudo, qual se poderosa força me conservasse em vigília. O medo apossou-se de mim e orei — orei como a senhora pode imaginar, esmagado de angústia e gritando de dor. Pensei na senhora, no papai, em todos os nossos entes amados, sem esquecer a nossa querida Cristina. Entretanto, minha primeira idéia

(*) Zilda Glunchetti Rosin, «Perda de Entes Queridos», Edição Calvário, São Paulo, 1960, pág. 67-70.